

VOZ DA VERDADE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO

Publica-se uma vez por semana (quinta-feira), na typographia de José Joaquim Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se recebem assignaturas por um anno a 6,000 reis, pagamento no acto de assignar; quem receber a folha por via do correio pagará mais 500 reis.

Anno I

Desterro—Quinta-feira 26 de Agosto de 1869.

N. 31

VOZ DA VERDADE.

As influencias liberatas ou liberaes d'Ha-ja-hy muito conhecidas, attendendo aos dous grandes interesses proprios: politico e commercial, conseguiram, segundo consta, insinuar-se no animo presidencial, á ponto de quasi impôr-lhe a demissão do actual administrador da mesa de rendas geraes e collectôr das provincias d'aquella villa.

Ora o tal collectôr atrapalha, com effeito, graças á propria vivacidade, geito e honradez, quanta manobra politica ou commercial se liberata ou quer libertar por alli.

Responzabilidade vai, representação vem o Sr. de Abreu, e não se dá a nemhum, e não se dá a Sr. Joaquim de Alencar.

Com effeito, por artes de *berliques*, *berloques*, *á breu*, *santos*, *pires* &c., segundo tambem nos informam, demoveu-se o inverno a dar com o pobre e honrado José da mesa e collectoria ábaixo, substituindo-o pelo *innocente Nativa*, que tambem foi logo substituido, e com tanta brevidade, que não sobrou tempo.

E' que o fim principal não seria perseguir a honradez e premiar, . . . os *substitutos*, mas dar garrote ao partido conservador provincial.

M. O. e M. M., que souberam do *negocio*, dirigem-se ao illudido vice, fazem-lhe ver o erro e a injustiça que acabava de praticar, e pedem-lhe a revogação para salvar a propria reputação e a de mais alguém.

O vice promete-o, mas, apenas chega ao paço, no dia seguinte, começam os primeiros interessados (Santos, Pires) a sustentar o que haviam feito, e a QUERER que o vice sustente-o tambem.

Nisto, M. O. e seus amigos são informados do que está acontecendo. M. O. corre ao paço, e encontra, junto do gabinete os dous contendores, com os quaes não tinha podido encontrar-se anteriormente, visto que até então, trabalhavam pela sorella. Santos diz que o vice DEVE sustentar o seu acto, sob pena de ficar completamente desmoralizado.

M. O. responde que desmoralizado fica o mesmo vice se o não revogar, ou se persistir no erro. Santos diz ainda que se houver tal reacção, elle Santos retirar-se-ha. M. O. pondera que S. S. não tem

o direito de insinuar, e menos de ameaçar aos seus superiores, e acrescenta que, se S. S. não quer servir, tem bom remedio: é ir-se embora.

(Ai! boca, que tal disseste! . . .)

Pires sustenta a opinião de Santos (poderá!), e conclue do mesmo modo, obtendo igual resposta de M. O.

(Oh! labios, que tal proferiste! . . .)

Para encurtarmos razões, uma puxa outra, imposição para cá, imposição para lá; os empregados espreitam, o povo aglomera-se; o resultado foi revogar-se o acto da demissão e nomeações consequentes, o Santos despedir-se chorando, o Pires não sair chorando, mas dar parte de *quebrado*, depois de um outro acto nomeando-o S. I. e designando a D. para ser o substituto. M. O. dá-lhe um cargo, que vale por dois ou tres cargos).

Em seguida o S. tambem *quebrou*, e, ainda em cima, a *Regeneração*, contando a cousa a seu salvo, compromette o J., dando a entender que quem escreveu o acto de revogação é que deu immediato conhecimento delle á typographia do *Despertador*.

Moralisemos um pouco:

Si era justa a demissão do collectôr, porque não o demittiu o Sr. de Abreu, a quem foi ins' antemente pedida?...

Sendo toda do vice a responsabilidade, tanto do primeiro como do segundo actos por elle assignados, qual o motivo porque os Srs Santos, Pires & Comp. tomaram tanto a si essa responsabilidade?...

Responda quem estiver desapaixonado.

Nossa pouca idade, no-sa pequenez e obscuridade, são causas sufficientes para não sermos ainda conhecido no mundo jornalístico! Todavia temos á nosso favor o illustre collega *Despertador*, que nos soccorre com o seu valimento. Do seu digno director obtivemos o *Commercial* do Rio-Grande de 22 do corrente, que traz as ultimas occurencias no theatro da guerra, as quaes passamos á extractar: são todas gloriosas para as armas do Brazil. A fera das *Cordilheiras* vai-se convencendo que não ha bosque, ou gruta no territorio paraguayo que não possa ser devassado pelos soldados brasileiros, no empenho de castigar nelle a louca ousadia que teve de insultar o pa-

vilhão auri-verde, simbolo de uma nação que préza á sua autonomia. Eis as noticias á que alludimos, de que foi portador o *Santa Cruz*:

O Sr. conselheiro Paranhos ao Sr. ministro Carvalho Borges,

Assumpção, 13 de Agosto.

No dia 12 do corrente pela manhã, S. A. o Sr. conde d'Eu á frente das forças do 1.º e 2.º corpos do exercito brasileiro e 1.000 argentinos que foram encorporados ás ditas forças, obteve uma esplendida victoria para as armas alliadas, tomando por assalto a cidade de Piribebui, 3.ª capital de Lopez, que se achava cercada de largos fossos, trincheiras, abati- zes e 10 peças de grosso calibre.

O ataque foi irreppido e vigoroso, praticado com a maior bravura, que logo logo concederamos pelo Príncipe.

Sua alteza, que dirigio em pessoa a acção, foi victoriado por todo o exercito com entusiasmo.

Entre mortos e feridos teve o inimigo uma perda de mais de 1.000 homens, morrendo no seu posto o general Caballero que commandava a praça inimiga.

As perdas dos alliados foram muito inferiores em numero; mas lamentamos a do general João Manoel Menna Barreto, que morreu com o bravo dos bravos á frente da columna da esquerda, atravessado por duas balas. Em Piribebui encontrarão-se os archivos e objectos de valor, bem como as provisões de roupa e mesa de Lopez e M.ª Linch.

Sua Alteza marchava sobre Lancupé, sitiando ao mesmo tempo o inimigo para coitar-lhe a retirada pelo norte e sul. Em consequencia d'este movimento, o inimigo abandonou o posto e subida do Cerro Leon, por onde já os nossos se communicação com Pirayú.

Por alli tem já vindo cerca de 1.000 familias paraguayas, que se dirigirão a Pirayú. O numero desses infelizes vai crescendo de dia em dia, e vai ser um dos maiores cuidados do governo provisorio.

O general Mitre, com o grosso das forças argentinas e o general brasileiro Auto, que opera com aquelle á frente de 5.000 brasileiros das tres armas, seguirão do acampamento argentino de Guazuvirá para o *Vale de Pirayú*, no dia 9.

No dia 12 de madrugada forçãõ a subida das *Cordilheiras* que conduz a *Altos*. Encontrarão alguma resistencia,

que foi vencida com pequena perda de uma e outra parte. No dia 11, sabe-se por communicações do general Aulo, que suas forças e as do general Mitre procuravam envolver o inimigo, ao norte de suas posições; procurando unirem-se com suas forças ao mando de Sua Alteza.

De um momento para outro esperão-se noticias importantes.

Transcrição Interessante.

Na duvida em que estamos, se a illustre redacção da *Regeneração* recebe ou não o famoso *Tribuno*, que se publica em Pernambuco, cujo redactor, dizem ser o Sr. Dr. Borges da Fonseca, aqui lhe offerecemos em transcrição o que segue. Olhem (os liberaes) que o homem é republicano as direitas, e é quanto basta para ser crido em tudo quanto escreve e publica; ha muito que elle caminha por vereda longa, porem direita; isto é, não gosta de caminhar por atalhos ou descrevendo curvas, como praticão muitos dos seus confrades que querem a *coisa*, mas receião declarar o nome proprio dessa coisa: no principio chamaram-se *ligueiros*, logo depois abandonaram essa denominação (sem jus a causa) e adoptarão a de = liberaes progressistas =; hoje são todos liberaes, do centro liberrimo assim o ordenou.

Pelo caminho em que vão as cousas, prevemos que o Sr. Dr. Borges da Fonseca ficará apenas com o seu *Tribuno* e um ou outro dos seus leitores, visto que os *ligueiros* ou liberaes progressistas estão arrependidos de terem abandonado as fileiras primitivas. Pensavão que desertando para os republicanos, não necessitarião mais de trabalhar para se manterem, visto como as — *vaquinhas* do Estado, cujo leite é permanente e succulento, bastar-lhes-ia para viver na opulencia.

Pois era graça ter um liberal dous, tres, quatro e mais empregos, cada um delles com uma avantajada quantia, ora como ordenado e ora como gratificação, a fóra as propinas! *Nec semper Lilia floret.*

Vamos a transcrição do *Tribuno*.

Recife 19 de Julho de 1869. — N. 16. (*)

E' LOJICO.

O xefe liberal do conventiculo dos *no-re*, o sagasissimo conselheiro de estado e senador Nabuco, lá está no senado defendendo o ultramontanismo.

Segundo esse xefe *liberal*, os bispos são absolutos, e em quanto resembem ordenado dos cofres publicos como qualquer outro funcionario, não tem que dar contas a ninguém, e podem proseder absolutamente contra os parocos e todos os padres, e so por instigações de sua consciencia.

Quando se tem bispos como o d'esta

(*) A orthographia de que usa o illustre redactor, é especial, é propriamente sua, e como tal respeitamo-la.

dioseze, e o da diocese fluminense, mesquinamente jezuitas, que ouzam dizer que so obram segundo inspirações do Espírito-Santo, dar-lhes o poder absoluto sobre os sacerdotes é um grande atentado contra o estado, e contra a dignidade do sacerdosio.

Si o estado dá o pão aos bispos, porque lhe não dará a corresão?

Sente o *Tribuno* não poder transcrever os luminosos discursos dos srs. senadores Furtado, Dantas, e Jobim, que muito sobressairam com os apartes dos srs. senadores Nabuco e Fonseca, que advogam o absolutismo dos bispos.

E de esperar que o senado coarte o poder absoluto dos bispos, no interesse mesmo da igreja universal.

Recife, 26 de Julho. — N. 17.

O VOTO DE GRASAS.

Deixai-os discutir, e se verificará o que se diz no evangelho — *ex-abundantia cordis os oritur.*

A discussão do voto de grasas no senado já deu lugar a serem ouvidos, segundo os jornaes d'esta cidade, dois do *sentro liberal*, o sr. Otaviano, e o sr. Nabuco, aquele socorreu-se aos jeraes da diplomasia, este occupou-se das couzas internas.

O *Jornal do Recife* de 17 publicou o discurso do sr. Nabuco, é d'esta edição, que me sirvo.

Comesa o nobre senador por uma questão de etiqueta, a camara alta contra a praxe está discutindo primeiro do que a camara baixa a resposta a fala do trono.

O voto de grasas so esta consagrado nos rejimentos de cada uma das cazas do parlamento, podia deixar de aver sem prejuizo da couza publica; mas n'este governo recreativo tudo serve para arenga.

A forma do sistema representativo não está na resposta a fala do trono; mas na fiscalização da camara dos deputados, com respeito aos impostos de sangue e ouro, e esta fiscalização tem lugar com muito mais vantajem na discussão da fixação das foras de terra e mar, e na dos orsamentos da reseita e despeza.

A discussão do voto de grasas so serve para recriminações vagas, com que se perde prezioso tempo, quando o parlamento se occupa dos verdadeiros interesses do paiz.

Em seguida protesta o sr. Nabuco consagrar azeção sinsera a monarquia constitucional.

Protesto desnecessario e vão, porque todos sabemos, que o sr. conselheiro Nabuco so foi republicano quando estudante; ao depois de formado, alistou-se com os concundas e ali se conservou sempre ou, como diz o nobre senador, té 1853, quando comesou a ser reformista.

E porque os neofitos andam sempre no mundo da lua, o sr. Nabuco quer uma monarquia republicana, e um rei sidadão, a laia de Luiz Filipe — e quando muito uma monarquia como a da Inglaterra e da Belgica, onde o sidadão, diz elle, nada tem que invejar a nem uma republica.

Desde 1828 pergunto aos monarchistas de que tempo data a sua monarquia constitucional; si ela ja tem por si a sansão dos seculos: não me respondem.

Todos sabem que a Inglaterra nunca teve uma organisasão regular, e que desde a xamada carta do rei João, as conquistas liberaes se teem feito uma a uma por estatutos ou leis, arrancados a prepotencia da aristocracia e da coroa, e assim continua esse rejimen especial e *sui generis* sempre em luta; e apesar de tanta falada liberdade, *nove desimos* da população vive na miseria para sustentar a opulencia, o luxo, a grandeza de poucos omens.

O sr. Nabuco onzou avansar que na Inglaterra não á republicanos, e o sr. Ottoni não lhe deu um aparte para desmentil-o. O que são os radicaes inglezes?

Quanto a Belgica, a monarquia vivendo ali uma vida mais restrinjida, cercada de ambiziozos, que a querem escamotar, não pode deixar de estar cem os liberaes, e estes não podem deixar de estar com ela; porque seriam loucos, se quizessem a republica, cercados como estão de tantas tiranias.

Mas o sr. Nabuco, como todos os realistas sagazes tem para si que a forma de governo não é sinão um asidente, e por tanto, qualquer d'elas enjendra a liberdade e a tirania, esta porem não é a verdade; a forma que encadeia perpetuamente um povo a uma familia, não pode dar o mesmo rezultado que a forma em que o povo em periodos regulares renova o poder.

A forma dinastica perpetua uma clientela sempre pronta a servir-a, e que so n'ela vê elementos de grandeza e de poder.

A forma electiva temporaria não dá tempo a criasão de clientelas de que posa o poder servir-se em dano do paiz e de suas liberdades.

O sr. Nabuco diz que o mundo moderno tem oje dois tipos de governo; é a Inglaterra como monarquia, são os Estados Unidos como republica.

Sonhador que oje está, vê que nesses dois povos a liberdade existe, a liberdade se dezenvolve com a mesma enerjia.

Basta dizer ao sr. Nabuco que olhe para a Irlanda.

O sr. Thiers está muito em moda; mas tão teorista como é, na pratica deu com os burros n'agua, e matou a monarquia de Luiz Filipe.

Pergunta o sr. Nabuco, si as nosas questões, as querelas do partido liberal dependem da mudansa de forma de governo? Ele diz que não, eu digo que sim.

Pergunta o sr. Nabuco:

« E' preciso mudar de forma de governo para que o sidadão não seja prezo arbitrariamente, não seja aljemado, não seja crusificado? »

Respondido que sim.

Tirai a vosa monarquia o poder moderador, o *veto absoluto*, o direito de agrasiar, ou de perdoar aos condenados, o de dar pensões, titulos, e fitas, o direito de nomear os juizes, o de suspender as garantias, o de fazer a guerra e a paz, o de fazer tratados, e o de adiar e dissolver a camara popular; acabai com a vitalisidade do senado, estabelesei como direito constitucional a educasão, a liberdade do pensamento, da consciencia, e de reunião, e a hereditariedade, e dizei-me com que forma ficaes.

Fazei isto e denominai a esa forma como quizerdes, pouco se nos dará.

Abrogai esas leis reaccionarias, em virtude das quaes o sidadão brasileiro está

escravizado, e quando a onda da democracia subir, vereis onde fica a vossa monarquia.

A vossa questão da responsabilidade dos ministros pelos actos do poder moderador é uma mentira; ministros como os sabe escolher o imperador farão o que ele quiser, porque sabem ser quimerica a responsabilidade, inda quando a camara electiva leve accusação ao senado, inda quando o senado condemne, porque o imperador perdoará a pena, e depois agrastará o seu valido; e vós so tereis ministro responsabilizado, quando o imperador fizese alguma de imperador — por caprixo mesquinho quizesse mesmo sacrificar o seu valido.

O que rarisimamente aconteceria.

Mas eu penso ser questão de vida e morte para o partido radical a extinção do poder moderador; para que fiquem os tres — legislativo, judicial, e executivo.

E vós não pensaes assim.

Esa vossa responsabilidade é uma ficção imoral.

O rei faz constantemente mal, carregue com a responsabilidade outro, que não foi o autor do mal. Recorda-me dos tempos da infancia, em que alguns pais mandavam escravos para a escola a fim que fossem castigados todas as vezes que os filhos o merecessem. E' a justisa d'el-rei: pague pelo peccador o innocente.

E para que uma ficção tão imoral, e tão dispendioza? porque não governarão logo os ministros sem rei; si rei não pode governar e só reinar? Então Jupiter t'inha mandado as raas um rei constitucional no pedasinho de pão que caíra na lagoa quando lhe pediam elas um rei. Sim, sr Nabuco, é uma ficção que não reziste a natureza das couzas.

Si Deus não creou omens para reis, omens para suditos, si Deus não creou omens com paixões e omens sem paixões; si o *genesis* so fala de uma especie humana; si a humanidade é so uma com as mesmas paixões, com a mesma fraqueza: donde vem a razão de ser do rei, e de rei hereditario? Vós o sabeis, a monarquia veio da violencia, da usurpação, e da conquista.

Devem ser responsaveis pelos actos politicos que afetam o paiz, os que os praticarem, pelo principio de que a pena não deve passar da pessoa do delinquente.

Si em noso paiz, como confessaes, não temos eleições livres; si a vossa sorte é verdadeira, isto é, si o imperador nomea um ministerio qualquer; o ministerio faz os eleitores, os eleitores fazem os deputados, e os deputados ahí vem confirmar a situação! que maioria existia no dia 16 de julho, quando o imperador fez retirar o ministerio da 3 de agosto?

Passemos as lamentações pela queda de 3 de agosto; passemos a desida ao tumulto de Onório com as bensões populares; presindamos das queixas contra o sr. Rodrigues Torres por não ter xamado para o ministerio os liberaes verdadeiros conservadores, como ele conservador era verdadeiro liberal, segundo affirmara o sr. Zacarias, e vamos a conclusão das contradisões do sr. Nabuco.

O sr. Nabuco diz que a imprensa costuma dizer *fizestes o mesmo*; mas que isto não é razão confesavel, e diz:

« O patriotismo comanda necessariamente o *penitet.* »

O sr. Octaviano diz: está direito o *penitet.*

Está direito; Christo disse-o: *fazei penitencia; si não fizerdes penitencia morrereis no voso peccado.*

Mas é penitencia que fazeis, meus senhores, arvorades-vos zefes dos liberaes, que antes massacastes cruelissimamente? Com tão facil penitencia todos podem ir para reino do céu.

A respeito de *fizestes o mesmo* conclue assim o sr. Nabuco:

« Em ultima analize: nós fizemos, vós fizestes.... »

« O sr. Visconde do Sapucahy: — Eles fizeram. »

« O sr. Nabuco: — e todos farão o mesmo. Pois bem, estas instituições sob as quaes nós podemos, vós podeis e todos podem oprimir e escravisar os sidadios, devem ser reformadas. »

« O sr. Silveira Lobo: — E' a lojica da nasão. »

Quaes são esas instituições? cre' o sr. Nabuco, cre' alguém que são as instituições secundarias que armam o imperador, e o fazem absoluto, ou a carta outorgada pelo primeiro imperador?

Vamos adeante.

« O sr. Nabuco: — O nobre senador pela provincia do Rio de Janeiro nos disse: *vós si querieis esas reformas, porque as não fizestes? Porque as não fizestes?!..* A resposta é simples: *porque as reformas dependiam do senado e nós não tinhamos o senado que é conservador.* »

Deixou o senado de ser conservador? porque antes de 16 de julho de 1868 nem ao menos falastes de reformas, e me accusastes sempre de utopista, de anarquista, me xamastes louco?

Si ainda oje o senado é conservador: como fareis passar as vossas reformas?

Sr. Nabuco, vos mesmo vos encarregastes da resposta, vos disestes:

« Senhores, estes sofismas das reformas enganaram outr'ora, são eles conhecidos desde a revolução franceza de 1848..... »

Devieis dizer — a revolução brasileira de 1848.

Sim, sempre que se tem querido reformas o poder manda metralhar: e quando a agitação sobe e ameaça, o poder manda fallar de reformas para confundir o espirito publico, e meter a dezordem nas fileiras dos reformistas.

Antes condenaveis as reformas, nem querieis ouvir falar n'elas — porque o senado era conservador, hoje com o senado conservador quereis reformar.

Si o contato do sr. Otoni vos fez revolucionario, sr. Nabuco, tiraí a mascara, e confesae, que — *não sendo posivel reformas por amor do senado conservador o unico recurso da nasão, que não deve continuar a ser vilipendiada, é a revolução.* (*)

E a revolução é a constituinte, e a constituinte é a republica; porque nós não somos Espanha, não estamos no continente europeu, somos Brazil, e estamos no sentro do continente americano.

O mais é representar uma farsa ridicula, indigna dos proprios istriões da monarquia.

O sr. Nabuco fala do *statu quo* e diz: « O paiz precisava do concurso de todos os brazileiros para debelar a guerra; foi n'estas circunstancias que eu disse: *Deixe-*

(*) Attenda bem o leitor amigo da paz e das instituições adoptadas e juradas.

mos a politica dormir por ora, subsista o statu quo durante a guerra. »

E não existe inda guerra? inda se não presiza de concurso de todos os brazileiros para debelar a guerra? porque não quereis que a politica durma por ora? porque não quereis que subsista oje o *statu quo*?

Então, porque o imperador vos afagava, não se devia o Brazil ocupar da guerra, e vós os do *sentro liberal*, que fostes ministros somente para a guerra, trusidastes o Brazil em nome do imperador, e fizestes mais de quinhentas mil vitimas, estagnastes todas as fontes do trabalho e reduzistes este imperio ao estado miserando em que se axa; oje vindes com os *sofismas das reformas* sufocar o paiz que se levanta para a conquista de seus foros e liberdades no intuito somente de salvardes o imperador, voso idolo, voso soberano.

Vós não quereis todas as reformas a um tempo, simultaneamente, bruscamente, de tropelão; a nasão quer todas as reformas a um tempo, e simultaneamente, so não as quer bruscamente, de tropelão.

Vós quereis remendar, o que se não pode remendar, porque como ja vos eu disse no n. 8 com o evangelho, um pano velho e podre não pode aguentar remendo de pano novo; porque com ele mais se estraga.

A unica, a verdadeira reforma é acabar com o elemento dinastico, é organizar um executivo que não posa dar titulos, pensões, e fitas, nem perdoar penas, nem fazer tratados, nem declarar guerra, nem fazer paz, nem nomear, nem suspender majistrados, disolver, nem adiar a representasão nacional, nem ter veto absoluto sobre as leis feitas pelos representantes do povo, nem poder elevar ao jeneralato militar algum, nem suspender garantias: um executivo sem influencia no legislativo, e judicial.

Isto bem vedes, deve ser feito instantaneamente, e não por partes, deve formar um sistema regular, e não uma bandeira de retalhos.

Fiquemos aqui.

COMMUNICADO.

Ao Amicus Plato da Regeneração.

« Amicus Plato, sed magis amica veritas. Vuestra Senhoria tiene calentura », e, portanto, é suspeito.

O Exm. Sr. Coronel Joaquim Xavier Neves, catharinense honesto e bem intencionado, dispondose a entrar no exercicio de presidente da provincia, longe de curvar-se a imposições de quem quer que fosse, amigo ou inimigo, conservador ou liberal, só attendeu aos ditames da razão e da consciencia proprias.

Forão estes dous poderes, que, actuando sobre os sentimentos patrioticos desse venerando ancião, o levaram a aceitar tão espinhoso encargo, expondo se ás diatribes de uma opposição liberrima e desenfreada.

S. Ex. acceptou a administração provincial, como 3.º vice-presidente, porque

lhe competiu e era seu dever. Se o não fizesse, estamos certos de que V. S. e mais senhores da opposição serão os primeiros a accusar S. Ex. por falta de patriotismo, delicadeza ou qualquer outra.

V. S. diz que se fosse inimigo de S. Ex. lhe daria — parabens — por vel-o administrando a provincia.

E nós o felicitamos por estar livre dos amigos como V. S., e ter contra si muitos *Amicus Platos*.

Peza-lhe o tronco da geração de S. Ex. ?... E' pena !... Tenho dó de V.S.... Está tão contristado.... Quer uma banheira velha para enxugar as lagrimas ?...

Pobre *Plato* !.... Nem sei como se não pattio cahindo-lhe o tronco em cima. E então que tronco !.... capaz de quebrar pratos d'estanbo, quanto mais o *Amicus Plato*, que é todo brandura e delicadeza.

Voltemos á S. Ex., que, « *illud do pelos perfidos lisongeiros, que o cercão, offuscado pelos europeis de uma gloria falsa, não vê, não sabe, não ouve o que por ahí se diz.* »

(Bravo !... Que sons de prato quebrado !....)

O que por ahí se diz, é que o *Amicus Plato* andou envolvido na rascada, e, como o seu plano falhou, está dando por páos e pedras.

O que se diz por ahí, é que os companheiros da *tramoia* estão pouco menos tranquilos que o *Amicus Plato* defensor da sua honestidade e accusador da nossa.

O que poder-se-ha dizer por ahí, é que a mafrina esperteza não surtiu effeito, e que, por isto, o *Amicus Plato* berra contra S. Ex., elogiando quem o atraíçõu e deprimindo quem salvou a sua reputação, bem como a do partido conservador.

E' assim que na boca de *Plato* são lisongeiros e pífidos os homens, que ora rodeião S. Ex.

Amicus Plato, sed magis amica veritas. Vuestra Senhoria tiene calentura.

Quando constou que S. Ex. linha tomado as redeas do governo, V. S., seus amigos e companheiros sentirão certo arrepio, que não lhes havia ser muito favoravel, não é assim ?... O *negocio* estava tão bem preparado, ia marchando tão bem, que foi pena desmanchar-se, não é verdade ?.....

Mas... que remedio ?..... O meu amigo tenha paciencia, vá enche do os seus companheiros de *brio e despretensões*, em quanto o P..... lhes faz sombra e mette ligas de todo o tamanho.

Não se esqueça de empenhar-se com elles para cortar e atassalhar mais alguém, que por amizade, patriotismo, dedicação, ou cousa assim, possa influir no animo presidencial.

V. S. ha de ter ouvido dizer que, mesmo sem ser animal oviparo, « o homem põe e Deos dispõe ». Foi justamente o que aconteceu.

Porém o Exm. Sr. Neves não assumiu o cargo tremendo como V. S. escreveu, nem consta que tivessse errado o paço ou dado passos errados, como o seu *platonico amigo*..... assevera.

Tudo isso parece historia da *Regeneração*, ou coisa má-frina.

E' certo que S. Ex. tomou posse fardado com o fardão que o muito nobre Sr. *Plato*, sem duvida por não poder vestir, tenta enxovalhar com o mesmo lodo que atira ao Sr. Oliveira por ter « desrespeitado o venerando ancião. » !

Accrescenta o *Amicus Plato*, que o governo geral, nomeando o seu amigo Neves 3.º Vice-presidente, não con ou que se dêsse a hypothese de S. Ex. assumir a administração !..... E esta, Sr. Maneca da Silva ?!.....

Este Sr. vê ainda S. Ex. entre pé-fidos lisongeiros, que, como se sabe hoje, foram expellidos do paço por por si mesmos.

Mercadores do templo, foram excluidos d'alli, como deviam, pela consciencia do dever, pelo remorso do crime.

Ao seguir para lá, antes da posse, faltou á S. Ex. a companhia do *Amicus Plato*, e ao retirar se, fel o só, ou quasi só, porque antes assim do que mal acompanhado.

No segundo dia de administração, foi victima da maior cilada que lhe poderão armar politicamente os próprios em quem elle mais devia crer, e no terceiro fez da sua dignidade e força moral, tão acertado emprego, que livrou a provincia de cahir em poder do *Amicus Plato* e seus companheiros.

Ao mais responderemos em outra occasião.

Amica veritas.

PUBLICAÇÕES PEDIDAS.

Sr. Redactor.

S. Francisco, 21 de Agosto de 1869.

PARA SUA EX. VER, ACREDITAR, E REMEDIAR.

Ha 4 mezes que funcção os Vereadores da Camara Municipal, como substitutos do Juizo Municipal. O unico suplente, o 4.º, que por insinuações requereu passar á 1.º, acha-se em processos por crimes diversos, e em gáo de appellação, sendo pronunciado em um d'elles. Não obstante acha-se na vara de de Direito! e na de Juiz Municipal o Presidente da Camara: O 1.º móra uma legoa longe da Cidade, aonde poucas vezes é encontrado, por ter roças no « P. lmital »; e o 2.º na Freguezia da Gloria, d'onde só vem nos Sabbados. Quem tem dinheiro, ou escravos, faz suas pelleções atravessar a Bahia (quando pode-se) para serem despachadas, aliás espere-se pelo Sabbado; o que não remedia os casos repentinos. Este funcionalismo todo reúne-se em uma só pessoa, que é o mentor; o qual figurando como o caso convém, triste é a sorte deste fóro, e povo. O que pois é d'esperar de Juizes correligionarios e vindicantes, que tomão a consulta diaria

por moda, e quiza as copias dos despachos, e sentenças ? O que mais esperar o Exm. Presidente da Provincia para remediar tantos males, em vista da prova evidente exhibida pela Camara d'achar-se esgotada a lista dos supplentes do Juizo Municipal ? Decreto de 4 de Novembro de 1857; e o unico existente prohibido de funcionar ?! Haja vista aos avizos do numero 201 de 3 de Novembro de 1854, e 531 de 30 de Setembro de 1861 expellidos pelo ministerio da Justiça.

As notas do livro negro, além de negras são extensissimas, por isso mais tarde lhe offerecerei, para a ellas dar publicidade.

Limito-me desta vez a noticias que me transmittirão de Joinville. Derão-se ferimentos graves em dous individuos em um baile que tivera lugar ali. Henrique Meister professor e tambem ferido, denuncião como autor della. Escrevem d'ali abertamente para um jornal de Petropolis artigos difamatorios contra o governo, os quaes são contestados pelo Jornal da Colonia, segundo informes. Aponta-se como autor desses escriptos alguns descontentes da politica actual, bem como um engenheiro da estrada de S. Miguel. O ajudante do correio ali foi burlado com promessas da capital, apparecendo outro nomeado para o substituir como agente.

Firmino Manoel de Paula.



Carlos Duarte Silva, José Candido Duarte Silva, Justino José d'Abreu, suas mulheres e tilhos, o seu tio e primo, José Maria da Luz e Diogo Duarte Silva Luz, tendo recebido a infausta noticia do fallecimento, no Rio de Janeiro, de seu muito querido tio e cunhado Candido Duarte Silva, rogão a seus parentes e amigos a bondade de assistirem ás missas que pelo eterno repouso de su'alma mandão celebrar na Igreja do Rosario no dia 27 do corrente pelas 8 horas da manhã.

VARIEDADE.

Leitura curiosa.

| | | | | | |
|---------|------------|--------------|------------|--------------|-----------|
| digas | sabes | diz | sabe | diz | convem |
| faças | podes | faz | póde | faz | deve |
| crelas | ouves | crê | ouve | crê | quer |
| juignes | vês | julga | vê | julga | sabe |
| gastes | tens | gasta | tem | gasta | póde |
| não | tudo o que | porque o que | tudo o que | multas vezes | o que não |

(Extr.)